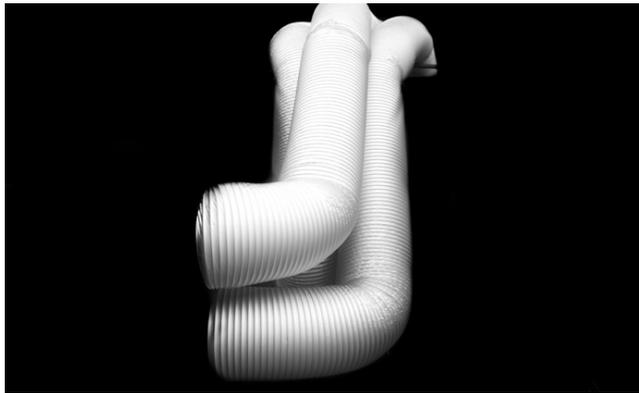
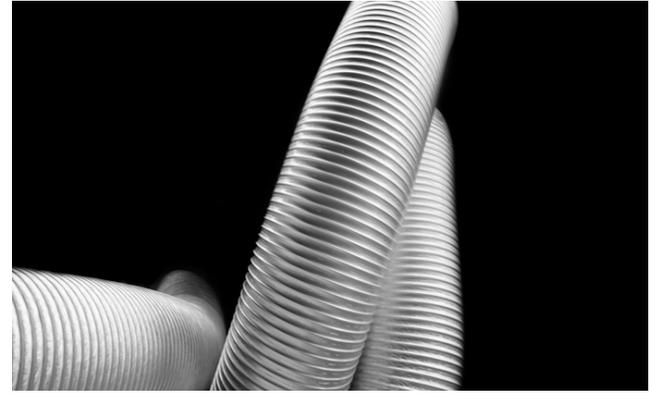
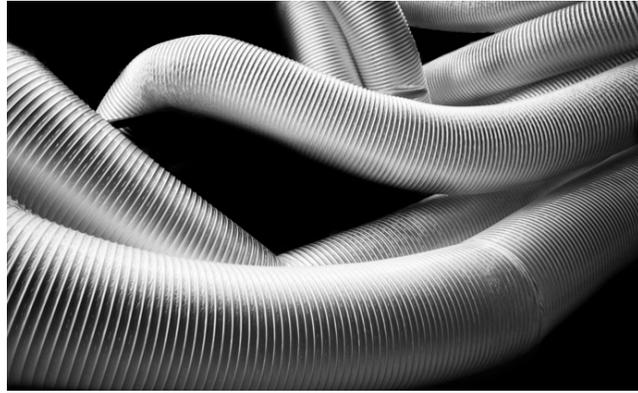
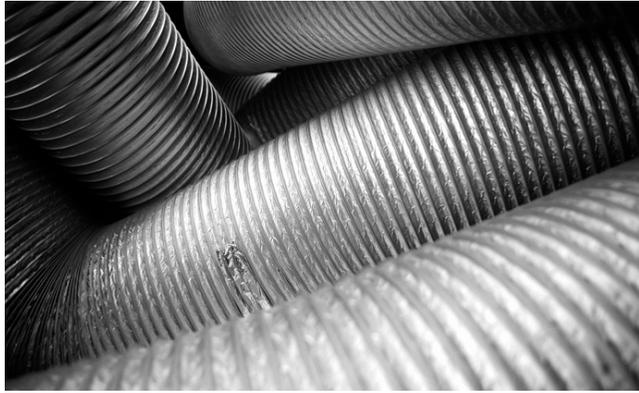
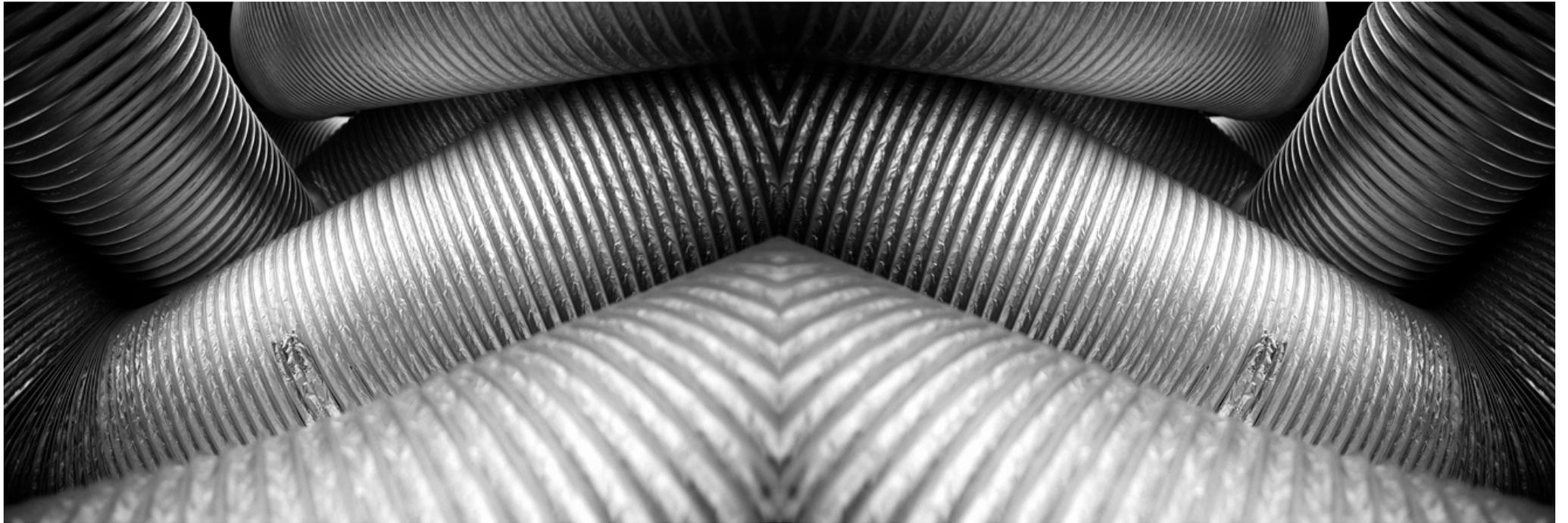
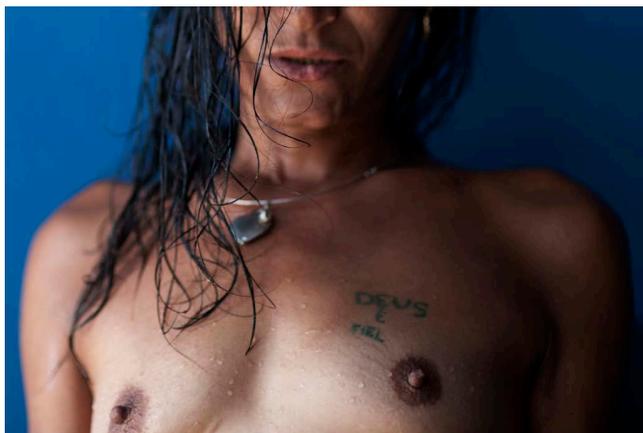
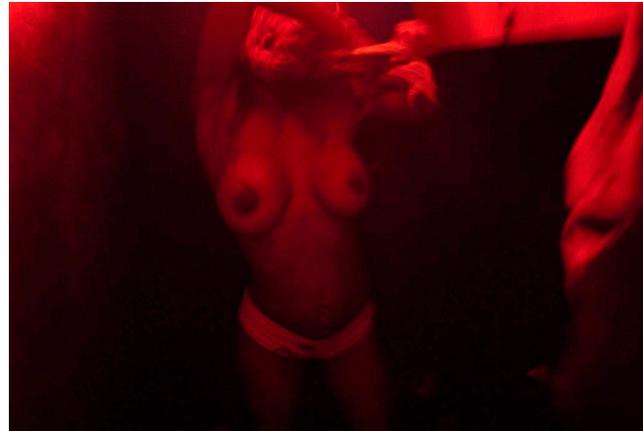


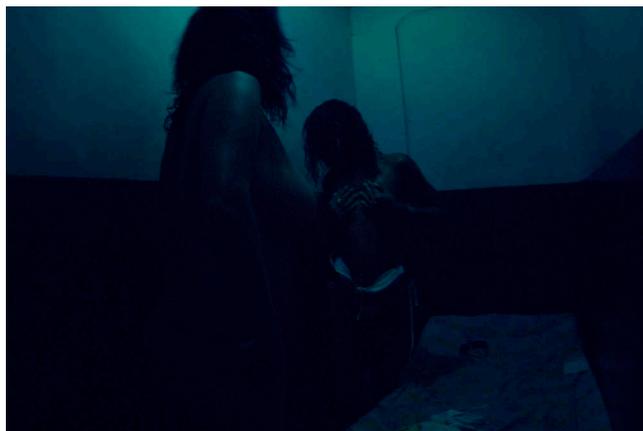
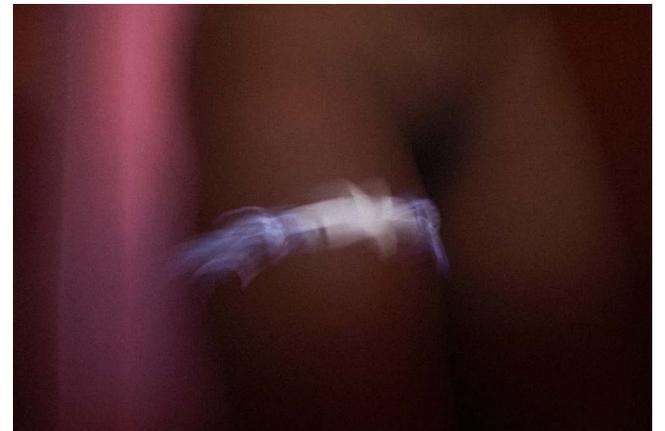
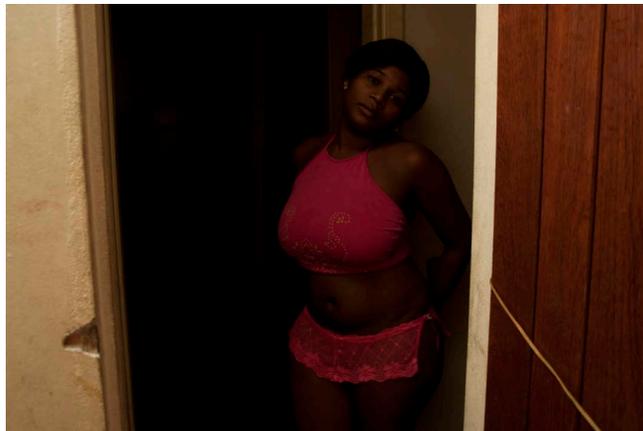
MARCELO CARRERA MAIA



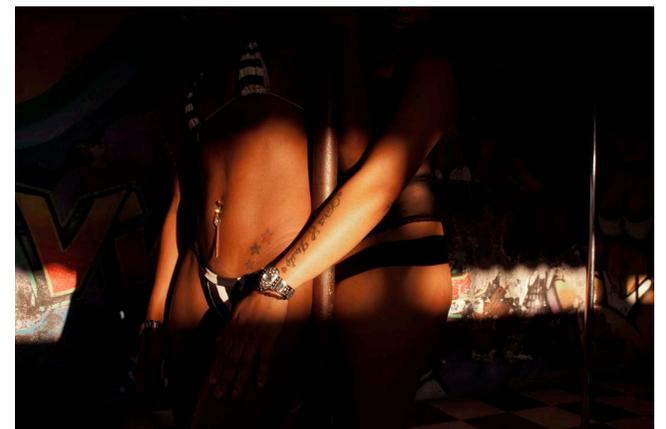
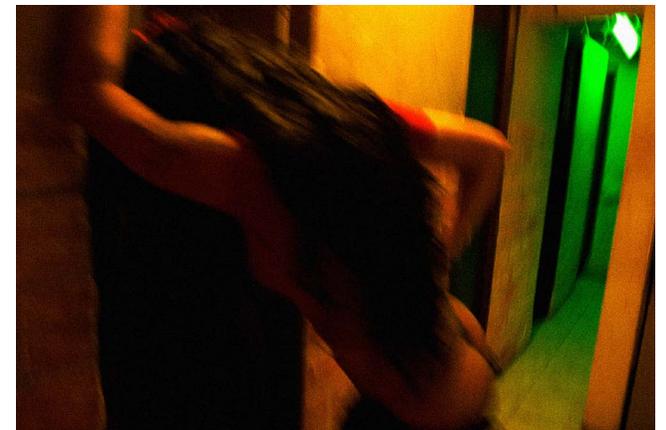


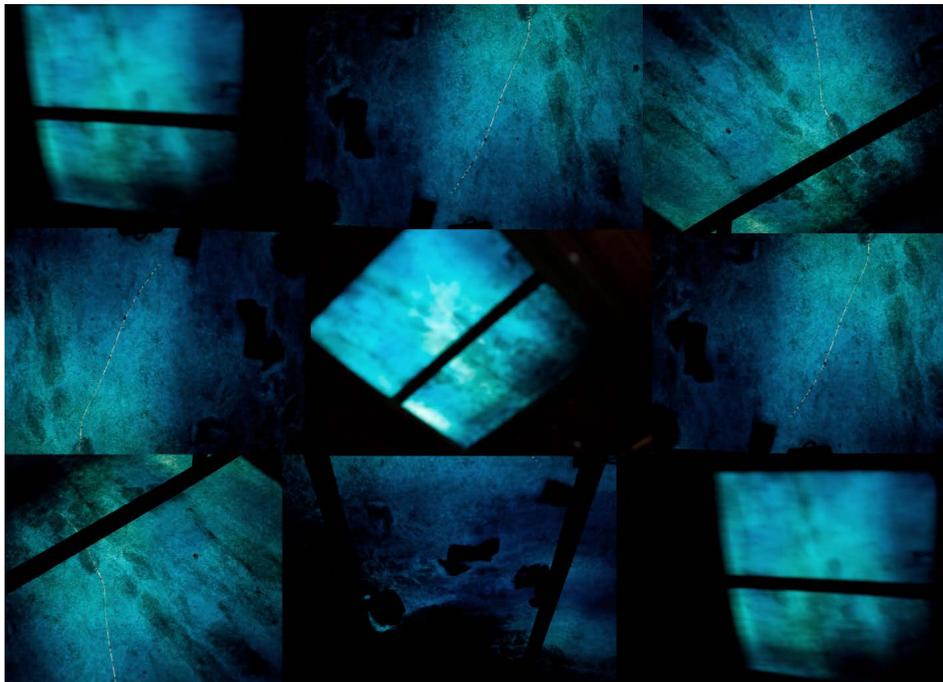
TÍTULO	<i>TITLE</i>	Tubes
ANO	<i>YEAR</i>	2004
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Metallic 340 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	60 x 40 cm (Cada / Each One)
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 1/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 1.500

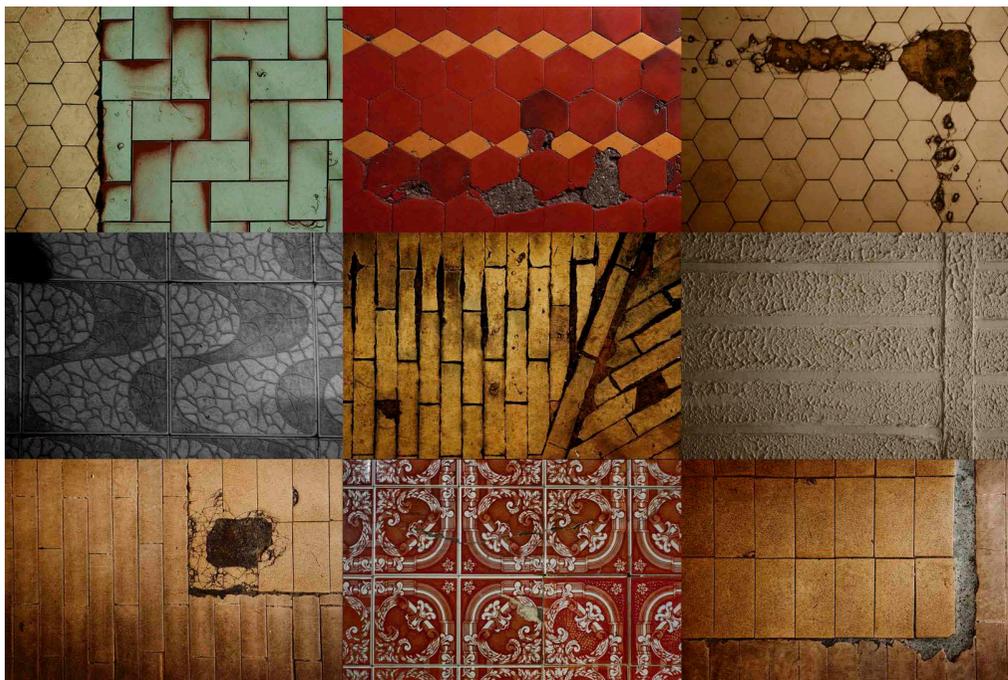












Vila Mimosa é o mais antigo e conhecido distrito de prostituição no Rio de Janeiro, hoje abriga em suas casas algo em torno de 1000 mulheres que cobram 12 dólares por um programa de 15 minutos e tem sido assim nos últimos 105 anos.

O projeto “Meninas da Vila” (Vila Mimosa, cartão postal secreto do Rio de Janeiro) nasceu da curiosidade sobre essa vila centenária e pela necessidade de conhecer um pouco melhor quem são essas mulheres, o que sentem, como lidam com sentimentos de ‘culpa’, ‘vergonha’, ‘medo’ e de que modo interagem com suas famílias e com a moral cristã predominante. Dois anos e muitas visitas depois, descobrimos que temos muito mais semelhanças com essas mulheres do que imaginávamos a princípio. Não queríamos julgar e sim retratar. Os olhares, o vazio, o medo, os abusos, as marcas, os valores e o código de ética local. É, portanto, um trabalho documental que permanecerá em andamento, onde adentramos na vida íntima dessas mulheres, bem como dos cafetões e clientes.

São “Environmental Portraits”. Em termos técnicos, usamos somente luz natural, o que significa dizer que usamos quase nenhuma luz, pois os quartos são minúsculos, tendo, na maioria das vezes, uma lâmpada fraca, uma janela

ou uma fresta no telhado. Contudo, fomos percebendo que essa condição de pouca luminosidade nos possibilitava mostrar de forma contundente as cores e texturas das paredes, bem como, em muitos casos, contribuía para esconder os rostos, tirando partido das sombras, ou oferecendo enquadramentos agressivos, que traduzem inquestionavelmente aquela realidade como a víamos em cada sessão.

Muitos nos perguntam qual o propósito de tudo isso. Outros indagam o que de novo estamos trazendo com esse trabalho. Já nos questionaram até qual seria o tipo de perversão que nos motiva. Acreditamos que a resposta vai além da experiência fotográfica, pois o que nos interessa são as pessoas e a documentação desse ambiente ácido, raramente conhecido fora daqueles quarteirões, dificilmente divulgado para o público que não o frequenta. Assim, pretendemos propor uma reflexão sobre ética, valores, direitos humanos e femininos, descaso do governo e a hipocrisia, buscando estabelecer alguma comunicação entre esse universo quase sempre ‘varrido para baixo do tapete’ e este outro do qual somos parte, gerando informação, pois a ignorância é a mãe de todos os preconceitos.

Consideramos fundamental ressaltar que as “meninas” sabiam do projeto e concordavam com as fotos : o método sempre foi explicar as razões do trabalho, pagar o programa de 15 minutos e, nesse intervalo, em um quarto sujo e escuro, fazer imagens que retratassem aquela experiência e aquele ser humano. Presenciamos o uso de drogas, assim como a ação de grupos locais que vendem segurança e estabelecem as regras da Vila. Muitas vezes fizemos fotos com filme, usando médio formato, sempre com uma grande motivação para fotografar.

Podemos afirmar que essa experiência tem nos afetado profundamente, nos trazendo uma perspectiva totalmente nova, e isso nos motivou muito; é a revelação de um mundo novo, uma nova regra, novos personagens, muitos dos quais embora vivam da ‘indústria’ do sexo, não se reduzem à sua prática.

Não nos move qualquer espécie de sadismo ou perversão: sentimos-nos desenvolvendo uma experiência sociológica relevante sob todos os aspectos. Todas as fotografias desse trabalho são de pessoas que, assim como eu e você, almejam a felicidade. Pode ser que não lhe interesse saber que existe uma vila no Rio de Janeiro, com mais de 100 anos, tida como a maior zona de prostituição heterossexual do mundo, onde cerca de 1.000 mulheres trabalham 24 horas por dia, 7 dias por semana. Pode ser que você não goste das fotos resultantes do nosso trabalho... ..mas nosso projeto foi feito para que você não possa negar que ela existe, ou quem sabe no futuro, que ela existiu.



Leia o QR Code e acesse o livro no Blurb

Read the QR Code to access the book on Blurb

TÍTULO	<i>TITLE</i>	Meninas da Vila (Série)
ANO	<i>YEAR</i>	2010
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Livro Fotográfico
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	172 páginas / pages
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 10/50
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 300





O desafio desta exposição é criar um diálogo entre a fotografia documental do início do século XX e a produção recente. Convidamos oito novíssimos artistas cariocas, de olhar sensível e poética apurada, para subverterem imagens históricas de Copacabana realizadas por Augusto Malta, um fotógrafo que mergulhou nas cenas do dia-a-dia, documentou obras importantes e acompanhou a metamorfose urbana do Rio de Janeiro. Com um hiato de quase um século, entram e este entre a realidade e a ficção.

Este último século foi marcado por subversões na história da arte que reverberaram até hoje na produção de imagens. Ouvimos o grito irreverente dos dadaístas em repúdio à atmosfera envenenada das guerras. Assistimos a Duchamp embaralhar toda a lógica da arte. Fomos incitados a antropofagizar a cultura por Oswald de Andrade. Sentimos os neoconcretistas reinventarem a relação entre artista e espectador. Nos surpreendemos com a mistura da alta cultura e cultura popular na arte pop e acreditamos em não separar a arte da vida. Presenciamos a engenhosidade da arte de resistência para driblar a censura na ditadura militar. E vimos um Man Ray irônico afirmar que a fotografia só se tornaria arte quando perdesse a acidez tivesse o mesmo tempo da arte e do álcool.

Para falar da passagem de um século em colapso, Copacabana é uma ótima metáfora um lugar repleto de subversões e poesia urbana. As fotografias do bairro realizadas por Augusto Malta não são as mais conhecidas do fotógrafo, mas são gostosas, possuem o encanto de um tempo em suspensão, de

silêncio. Mas o tempo não para e Copacabana foi crescendo na verticalidade de seus prédios e na velocidade das ondas do rádio. Foi embalada pela bossa nova e num piscar de olhos, acelerou virou batidão, transbordou.

Neste século relâmpago, a arte também transbordou, mas o tempo se contraiu, e as reduções artísticas, operadas pela arte conceitual neovanguardista dos anos 1960-1970 contribuíram para o surgimento da estética das atuais redes sociais, onde todos postam textos e imagens, mas o tempo para ver e ler é escasso. Tal visão está presente na arte contemporânea: fraca, virtual, apocalíptica em seu exercício de contração do tempo. Esta exposição não deixa de ser um sintoma de tudo isso, uma grande mixagem – misturas e cruzamentos. São artistas encontrando seus caminhos, com personalidades e abordagens diferentes, mas que de alguma forma se unem na pluralidade de suportes que marca a fotografia atual.

Edu Monteiro – Curador

TÍTULO	<i>TITLE</i>	Copacabana
ANO	<i>YEAR</i>	2012
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Fotografia analógica de grande formato
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	4 x 5 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1/1 (Coleção Particular / Private Collection)



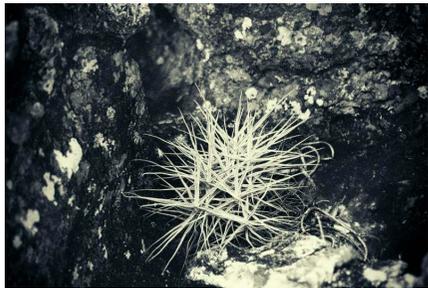
TÍTULO	<i>TITLE</i>	Deambulação #2
ANO	<i>YEAR</i>	2013
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 60 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A / 2 P.1. + 2/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 1.500



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Mountains
ANO	<i>YEAR</i>	2013
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Baryta Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 100 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A. / 2. P.I. + 5/10
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 2.000



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Espeçura do Presente #7, #3 e #1
ANO	<i>YEAR</i>	2014
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre Hahnemühle PhotoRag Satin 310 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	150 X 50 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 2/5
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 1.500





Conhecemos todos a nudez. Mas é preciso perdê-la de vista se quisermos reencontrá-la. Eis a mola do erotismo evidenciado no belíssimo trabalho fotográfico de Tatiana Guinle e Marcelo Carrera. “Este corpo fala”, dizia Lacan. Suspenso entre dois silêncios – o da vida e o da morte – o erotismo é o que faz lembrar do confronto, com um surpreso e confuso balbuciar oriundo do corpo. Neste sentido, são imagens, que podem ser apreendidas através das experiências da aura e do estranho – lugares que se abrem e nos incorporam.

O caráter estranho da imagem reside na capacidade de inquietar e impor sua visualidade como uma distância, por mais próximo que dela estejamos, distância essa situada entre o que se oculta e o que se revela na cisão aberta pelo olhar. “No aço frio de sua presença” é uma série de fotografias que nos revela imagens belas e perturbadoras em permanente abertura diante de nós. Se o teatro da nudez é erótico em si mesmo, é porque ao ser tocada (profanada) enquanto objeto sagrado, a nudez leva ao erotismo essencial: fusão e supressão dos limites.

Nas fotografias em preto e branco há uma materialidade que aponta para uma abertura, para um lugar onde o ver é inquietado, um espaço onde algo estranhamente se mostra. Mas, o que seria isso, que retorna em meio às imagens como estranho?

Didi-Huberman, um dos críticos de arte mais precisos da imagem, considera que a obra é sempre portadora de algo já visto que volta subterraneamente como fantasma, atravessando e mesclando diferentes temporalidades pelos arremessos fragmentários da memória. Suspensa entre dois começos, a imagem se refere tanto àquilo que se faz bloco de sensações num dado momento, como também àquilo que é trazido pelas forças pretéritas, que não cessam de retornar como sobrevivência póstuma ou potência associada ao rebatimento do passado no presente, questão que confere à imagem um caráter de espectralidade, fascínio e fantasmagoria.

Na concepção freudiana, o estranho tem uma ligação direta com o olhar, com o que causa estranheza, por revelar conteúdos reprimidos de nós mesmos, porque mostra o vazio encenado na forma.

As fotografias de Tatiana e Marcelo inquietam a visão. São lugares onde se reproduzem realidades misteriosas com o erotismo participando na instauração de outra realidade, transfigurando as experiências e o próprio sentido da natureza circundante. O corpo aberto à nudez, em seu excesso, em sua falta, em seu desamparo, no descomedimento e na contenção, no excesso, na violência e destruição. Fotografia que não faz concessões e onde existe uma ação contínua que se afirma no vaivém entre o limite e o ilimitado. Segundo Bataille, roçamos o limite pela primeira vez ao excedê-lo – pensamos tê-lo ultrapassado, mas somente nos aproximamos dele, porque há um impossível que é o imutável, o fundo das coisas. Criar um possível (humano) na medida do impossível é a transgressão – duplo movimento que conduz à surpresa, ao segredo, ao imprevisto.

Sempre extrema, a nudez é uma imagem fronteiriça que, embora esteja à frente, jamais pode ser conquistada. Há algo de inatingível no corpo que se apresenta nas fotografias. No aço frio de uma presença que também é ausência, há algo que se perde de vista quando se olha. Há uma nudez entrevista em sua verdade oscilante – nudez das coisas, do entorno, da natureza, como uma súbita desordem, um frenesi dos sentidos, um mergulho abissal no corpóreo.

Tira-se o véu. Revela-se o objeto erótico em sua crueza espantada – a fotografia cirúrgica de Marcelo e Tatiana é a articulação desse objeto luminoso em linguagem. O macabro aqui não aniquila o erotismo – como faz a pornografia -, ele o preenche, o alimenta, o consagra. Algo delicado e brutal, nasce justamente desse sentimento de violação, de profanação do objeto. Vida e morte, dor e êxtase comunicam-se em agonia numa estética que permeia um trabalho que sabe extrair a imensidão das coisas e faz da nudez – que é positivamente a imagem da morte – uma morte que encontra a glória em Eros.

Bia Dias

TÍTULO	<i>TITLE</i>	No aço frio da sua presença
ANO	<i>YEAR</i>	2015
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	10 x 15 cm (Cada / Each One)
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 1/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 2.000



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Véspera
ANO	<i>YEAR</i>	2015
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	BackLight
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	120 x 27 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 1/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 1.000

Véspera

O mundo que cruzou o novo milênio trouxe consigo premonições do vazio. Na Véspera de partir nunca, é um mergulho em uma viagem subjetiva-des-cortinada pelos tempos modernos, cujas certezas desapareceram, levando de vez qualquer tranquilidade acerca daquilo que se é.

Tudo o que existe, se transforma em um jogo de intensões onde o sujeito fotografado, cores, sentidos e caminhos são trocados, negociados, e direcionado para alguma coisa, uma realidade plástica, silenciosa à mercê do tempo e da urgência de viver.

Chegou a hora de fazer planos e seguir por uma estrada aonde a magia é chegar ao seu destino, um glorioso Éden, uma promessa de eterna felicidade. Mas esse destino um quase labirinto reto, percorre a estrada que tantas vezes se adia caminhar, que parece não ter fim, que faz cair em uma armadilha, em uma apatia vertiginosa entre barreiras invisíveis, que é o correr em busca de si mesmo e o medo de chegar lá.

Por isso, muitas vezes se adia o momento, amanhã é dia de conquistar o mundo e a mim mesmo, mas só o farei depois de amanhã. Por que...

Na véspera de não partir nunca

Ao menos não há que arrumar malas

Nem que fazer planos em papel,

Com acompanhamento involuntário de esquecimentos,

Para a parte ainda livre do dia seguinte.

Não há que fazer nada

Na véspera de não partir nunca

“Álvaro de Campos” heterônimo de Fernando Pessoa

O romantismo ideológico perpetua o cenário presente como uma armadilha perante as possibilidades de si própria.

A linha que sugere o percurso indica o trilho a ser percorrido como um destino que se traçou, e ao mesmo tempo a fragilidade que se pode tornar

a caminhada uma corda bamba, uma tênue linha que não significa apenas sua materialidade objetual, representa também que a viagem é mais do que o movimento de partida e de retorno a algum lugar. O estrangeiro de si mesmo deve constantemente continuar a viajar em busca de si próprio. São estas abstrações que surgem concretizadas em imagens. No tríptico fotográfico de tons rosa há uma melancolia refletida no jogo interior do desejo, mais vivido que a vida presente, e, no entanto impalpável, inacessível, a não ser pela viagem através da eternidade perdida de nós próprios.

A passagem do tempo vivida provoca um “estar-entre”, um “quase”, um “poder ser que”, até, gradualmente, tornar-se algo de onde não emerge mais. Aqui se reproduz a sensação de estar diante de abstrações como a vida, e o sentimento da vida, vividas pelo tempo sem que ele se concretize.

Na fotografia a ilusão é real e verdadeira em si mesma, ela não nega sua natureza, nada é exatamente o mesmo. É no olho do fotógrafo e nos espelhos da sua câmera que se reproduz a imagem, uma ideia de realidade, um interior estético, composto por encontros renovados com o argumento que se quer contar, e anuncia o vazio de uma realidade que é inventada, como algo transparente que se quer atravessar.

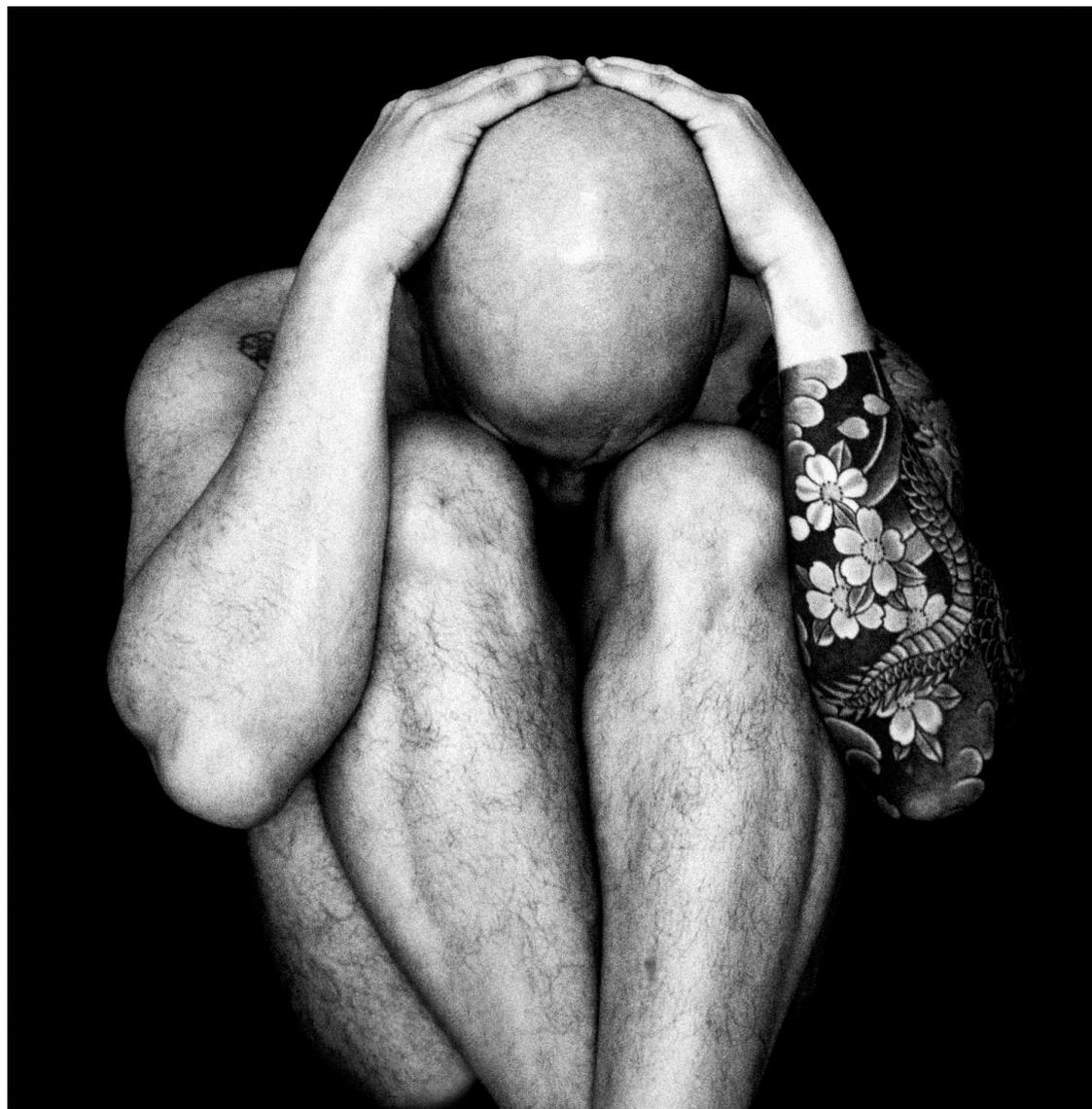
As histórias que essas imagens nos contam parecem muitas vezes enredar na armadilha do desejo. O fotógrafo de hoje é o olhar do homem desconstruído no século XX, unindo em si mesmo por atos de inconsciente violência a sua história, a percepção da estética, o renovar de seus sentimentos. Alguns nos trazem fotografias que caminham para o processo de ação, abrindo os aspectos desconhecidos da suspensão temporária de ser, e assim se tornando em mensagens enigmáticas muitas vezes sem contraste ou sem a natureza indeterminada do gênero.

Estas se transformam em sinais iconográficos de interpretação, como trilhos contaminados do nosso ideal e ao mesmo tempo dos nossos vazios, na ignorância e na ânsia de nós mesmos nos percorrermos, em nós mesmos.

Susana Guardado



TÍTULO	<i>TITLE</i>	TOC #1
ANO	<i>YEAR</i>	2015
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Metacrilato
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	50 x 50 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 3/5
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 1.200



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Auto-Retrato #1
ANO	<i>YEAR</i>	2015
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	60 x 60 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A / 2 P.1. + 1/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 500



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Discreto Silêncio das Cores (Série)
ANO	<i>YEAR</i>	2015
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Baryta Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 100 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A / 2 P.1. + 1/3 (Cada / Each One)
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 3.000



TÍTULO TITLE Discreto Silêncio das Cores (Detalhe Vermelho)

ANO YEAR 2015-presente

TÉCNICA TECHNIQUE Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Baryta Satin 300 gsm



TÍTULO TITLE

Discreto Silêncio das Cores (Detalhe Verde)

ANO YEAR

2015-presente

TÉCNICA TECHNIQUE

Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Baryta Satin 300 gsm



TÍTULO *TITLE*

Discreto Silêncio das Cores (Detalhe Azul)

ANO *YEAR*

2015-presente

TÉCNICA *TECHNIQUE*

Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Baryta Satin 300 gsm



Monumentos à amnésia

Você fotografa para quê? Para quem? Onde estão agora todas as fotografias que você já fez? A quem elas interessam? Elas estarão neste mundo quando você não estiver mais nele? E, se estiverem, onde estarão? Que poder de testemunho sobre você essas imagens preservam para as futuras gerações?

“O Discreto Silêncio das Cores” é fruto de uma pesquisa dos artistas Tatiana Guinle e Marcelo Carrera acerca dos paradoxos envolvidos na relação com as imagens fotográficas, às quais devotamos o poder de reter a memória das nossas próprias histórias. Todas as fotografias utilizadas nos trabalhos aqui presentes foram obtidas a partir de acervos familiares que permaneceram no mundo após serem abandonados pelas famílias, provavelmente porque os herdeiros dos herdeiros, em algum momento, deixaram de reconhecer as pessoas que protagonizam as imagens.

Como as fotografias inevitavelmente sobrevivem a nós, em algum momento elas passam a vagar pelo mundo como símbolos inócuos, desprendidas da razão que as fez existir, sem conexão com os laços afetivos e familiares que as fundaram. Ao deixar de narrar histórias de pessoas em específico, elas passam a falar mais claramente a respeito da complexa relação que temos com a nossa vulnerabilidade. As imagens de álbum de família guardam invariavelmente o lado doce de nossas vidas: as festas, os nascimentos, as viagens, os rituais de passagem. Os momentos dramáticos de dor e perda raramente são fotografados e, em geral, não vão para os álbuns familiares.

Essa narrativa fabular, asséptica e um tanto quanto falsa de nossas vidas finda por fazer todos os álbuns de família muito semelhantes. Logo, quando um determinado álbum de família se perde e trafega solitário pelo mundo, ele passa a apontar o destino cruel de todos os outros álbuns. Fotografar é uma forma de amenizar o incontornável confronto com a morte. Olhar uma fotografia do passado é uma das únicas possibilidades que temos de retroagir, de traír por um instante o fluxo natural do tempo.

Como símbolos desenraizados, vestígios de histórias que não se conectam mais a uma narrativa linear, essas imagens agora podem ser reativadas e reinseridas na sociedade a partir da imaginação e dos questionamentos dos artistas. O turbilhão de cópias fotográficas se torna uma espécie de alfabeto embaralhado com letras faltando, incapaz de escrever um conto, uma frase lógica. A informação que as imagens negam é justamente o propulsor para as estratégias criativas de Guinle e Carrera.

Os experimentos aqui expostos oscilam entre vãs tentativas de restaurar histórias e a aceitação dessa impossibilidade. Por vezes, as imagens surgem reorganizadas não mais pelo conteúdo que as enseja, mas, por exemplo, pela exuberância das cores alteradas, pelas texturas, pelas feridas expostas que o tempo e o descuido impingiram aos originais, como ocorre na série que dá o título à exposição.

A obsessão em criar memórias perenes pode, na verdade, resultar na edificação de imensos monumentos à amnésia.

Você fotografa para quem?

Eder Chiodetto – Curador

TÍTULO *TITTLE* O Discreto Silêncio das Cores

ANO *YEAR* 2015

TÉCNICA *TECHNIQUE* Negativo de vidro do início do Séc XX e gelatina vermelha, moldura e luz

DIMENSÕES *DIMENSIONS* 18 x 12 cm

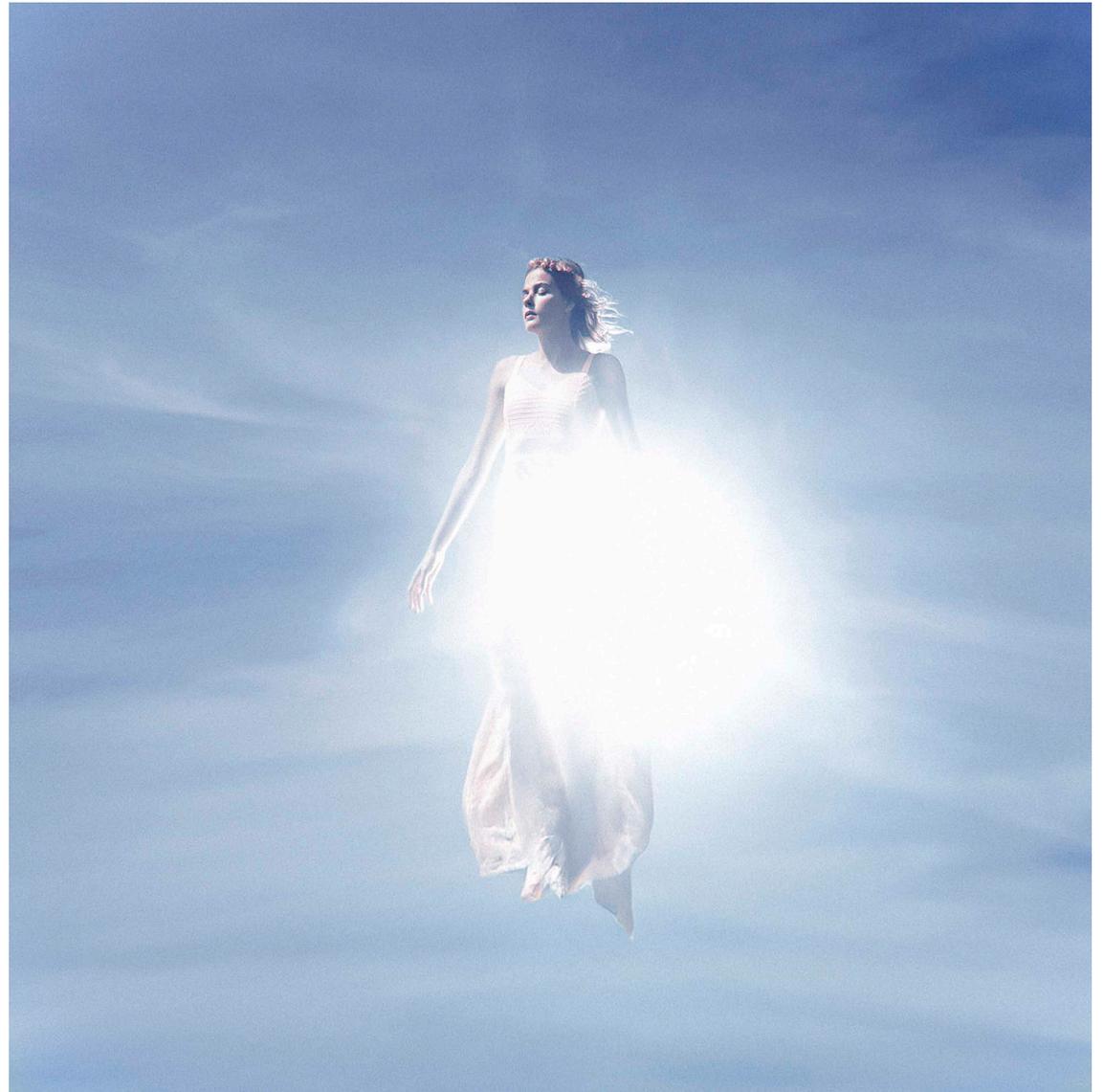
TIRAGEM *EDITION* 1/1



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Voadora #1
ANO	<i>YEAR</i>	2015-presente
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 100 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A. / 2 P.I. + 5/10
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 3.000



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Voadora #6
ANO	<i>YEAR</i>	2015-presente
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 100 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A. / 2 P.I. + 3/10
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 3.000



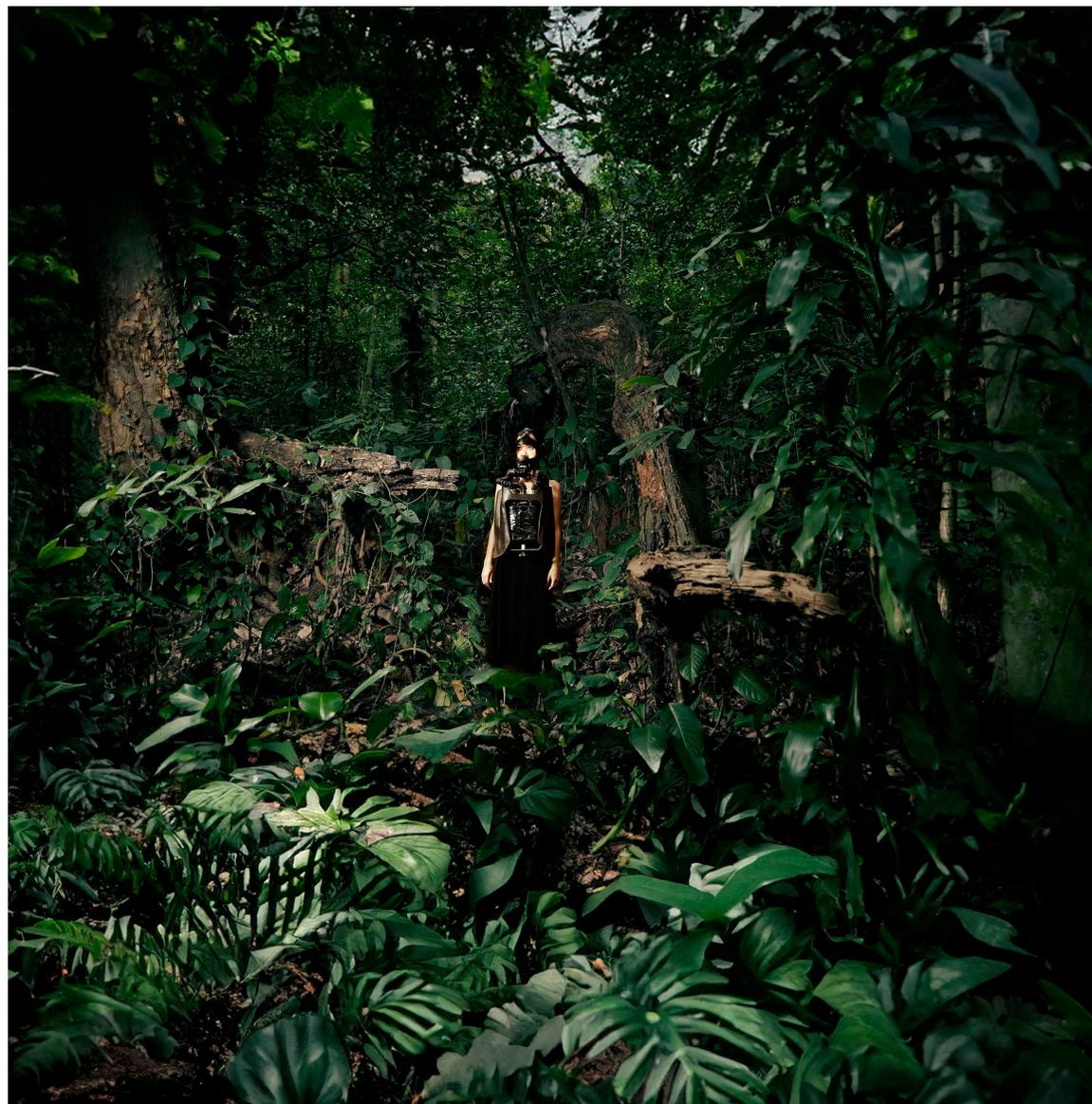
TÍTULO	<i>TITTLE</i>	Voadora #5
ANO	<i>YEAR</i>	2015-presente
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 100 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A. / 2 P.I. + 1/10
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 3.000



TÍTULO	<i>TITTLE</i>	Voadora #2
ANO	<i>YEAR</i>	2015-presente
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 100 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A / 2 P.1. + 2/10
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 3.000



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Voadora #8
ANO	<i>YEAR</i>	2015-presente
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 70 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A / 2 P.1. + 2/10
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 3.000



TÍTULO *TITLE* Sentinela

ANO *YEAR* 2016

TÉCNICA *TECHNIQUE* Impressão sobre papel PhotoRag Metallic 340 gsm

DIMENSÕES *DIMENSIONS* 60 x 60 cm

TIRAGEM *EDITION* 1 P.A. + 1/5

VALOR *PRICE* U\$D 1.000



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Mimeses
ANO	<i>YEAR</i>	2016
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel de fibra de arroz artesanal 350 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	45 x 35 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 1/5
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 800



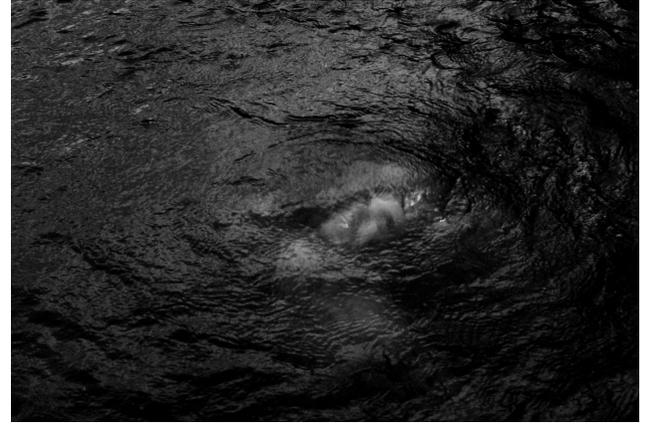
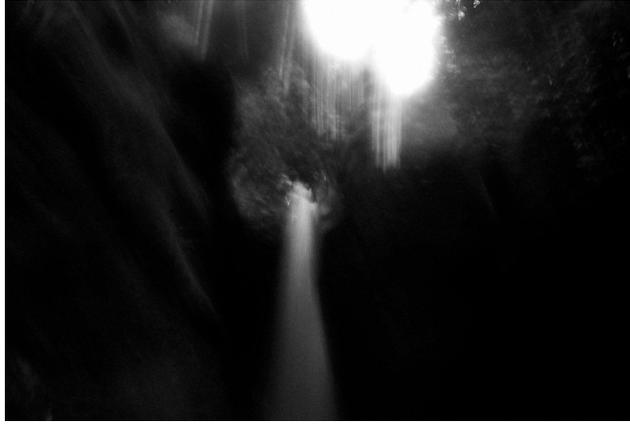
TÍTULO	<i>TITLE</i>	Auto-Retrato #2
ANO	<i>YEAR</i>	2016
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	60 x 60 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A / 2 P.1. + 1/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 500



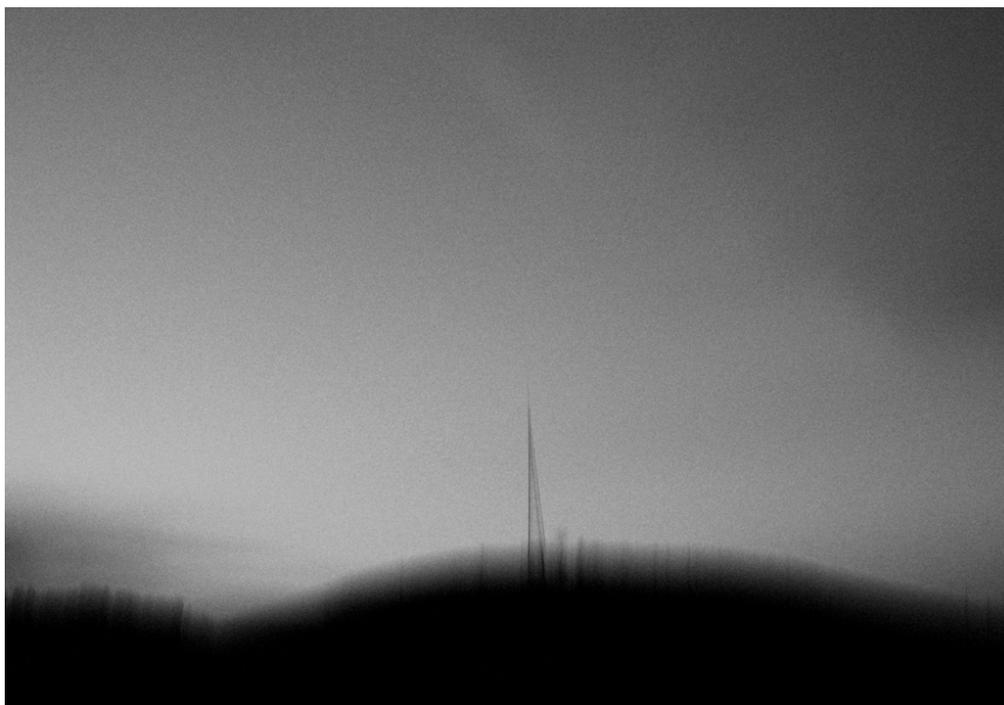
TÍTULO	<i>TITTLE</i>	Deambulação
ANO	<i>YEAR</i>	2017
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 100 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A / 2 P.1. + 1/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 3.000



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Ampliar o Mistério #4
ANO	<i>YEAR</i>	2017
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Baryta Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	60 x 40 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 2/5
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 1.500







Há algo abominável a respeito das câmeras, porque elas têm o poder de inventar muitos mundos. Como artista que vem há muito se perdendo no campo selvagem da reprodução mecânica, eu não sei com que mundo começar.

Robert Smithson

A perplexidade expressa por Smithson nesse texto – A Arte Através do Olho da Câmera (1971) – pode nos ajudar a deixar de fora alguns preconceitos a respeito da fotografia antes de adentrarmos o campo simbólico de Multiverso – o mundo inventado por João Pacca e Marcelo Carrera –, pois este começa justamente com o desafio à nossa capacidade de entender onde estamos e de nomear o que vemos.

Este certamente não é o mundo com o qual estamos familiarizados. E nosso estranhamento não se resume ao fato de que os contornos nítidos das formas figurativas, que costumam ser o traço distintivo do registro fotográfico, aqui tendem à abstração – resultado da perda de nitidez provocada pelos tempos longos de exposição, pela presença de amplos planos desfocados e pela insidiosa presença das sombras. Em Multiverso, a atmosfera sobrenatural, se impõe para além de sua ambientação no espaço físico da natureza.

O caráter idílico das imagens logo nos transporta para a dimensão dos sonhos e suas formas misteriosas de existência. Aqui, plantas, pedras, grutas, rios e cachoeiras funcionam como cenário anímico no qual nossa personagem se movimenta.

Ao tentar compreender o que se desenrola nesse cenário, esbarramos em um conjunto híbrido de elementos mitológicos clássicos, sem que possamos reduzi-lo a nenhum mito específico. O belo Narciso, a clarividência de Apolo, a embriaguez de Dionísio, o Hades implacável e muitas outras personificações de divindades povoam essa história, metamorfoseadas. Nesta narrativa alegórica, corpo, espaço e câmera ensaiam um tipo de dança cosmogônica potente o suficiente para reencenar seus ritos pessoais e, a partir deles, reinventar seus mitos.

São gestos e atitudes simbólicas que evocam algum tipo de celebração ou sacrifício. Caso seja um culto, não resta dúvida de que se trata de uma forma de religiosidade panteísta, primitiva, pagã. A relação íntima e sensual com os elementos naturais é a força que move este corpo-espírito que, como uma divindade imanente, nos faz perceber que a natureza é construída como experiência sensível e é capaz de sacralizar o ato prosaico e o profano.

Como toda narrativa mítica, o tempo aqui não é nem linear, nem cronológico, mas cíclico e atemporal. Numa leitura que não exclui sua pluridirecionalidade, parece tratar-se de uma história arquetípica: a jornada do herói em sua busca do autoconhecimento que se sabe autofabricação – autopoiesis, para usar a expressão de Maturana. Neste território de passagem entre a natureza e a cultura, não poderia faltar a crise do enfrentamento da própria sombra, a interdição, o tabu, e sua transcendência/ transfiguração simbolizada pela experiência de morte/renascimento.

Diferentemente da fábula, em geral acompanhada de um ensinamento moral edificante e didaticamente transmitido, a narrativa de Multiverso é aberta e amoral. Os artistas aqui se projetam como que num transe, num êxtase que se apresenta como narrativa subjetiva, verdadeiramente catártica, tendo em vista o contexto cultural a que pertencem, moderno, industrial, urbano, tecnológico, cuja nota dominante é, sem dúvida, o ceticismo.

Simone Rodrigues

TÍTULO *TITLE* Multiverso

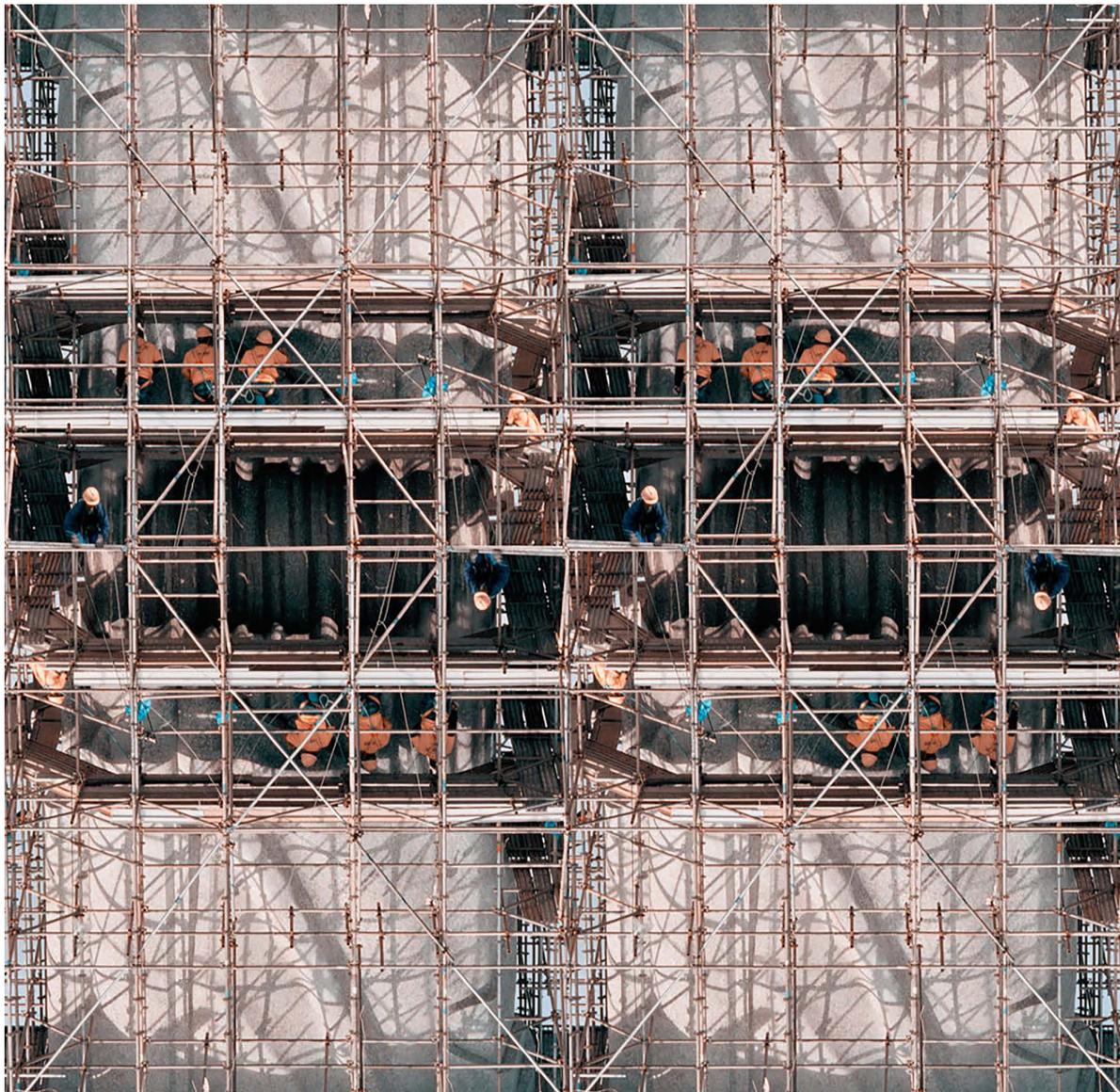
ANO *YEAR* 2017

TÉCNICA *TECHNIQUE* Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Baryta Satin 300 gsm

DIMENSÕES *DIMENSIONS* 100 x 60 cm (Cada / Each One)

TIRAGEM *EDITION* 2 P.A./ 2 P.I. + 2/3 (Cada / Each One)

VALOR *PRICE* U\$D 2.000



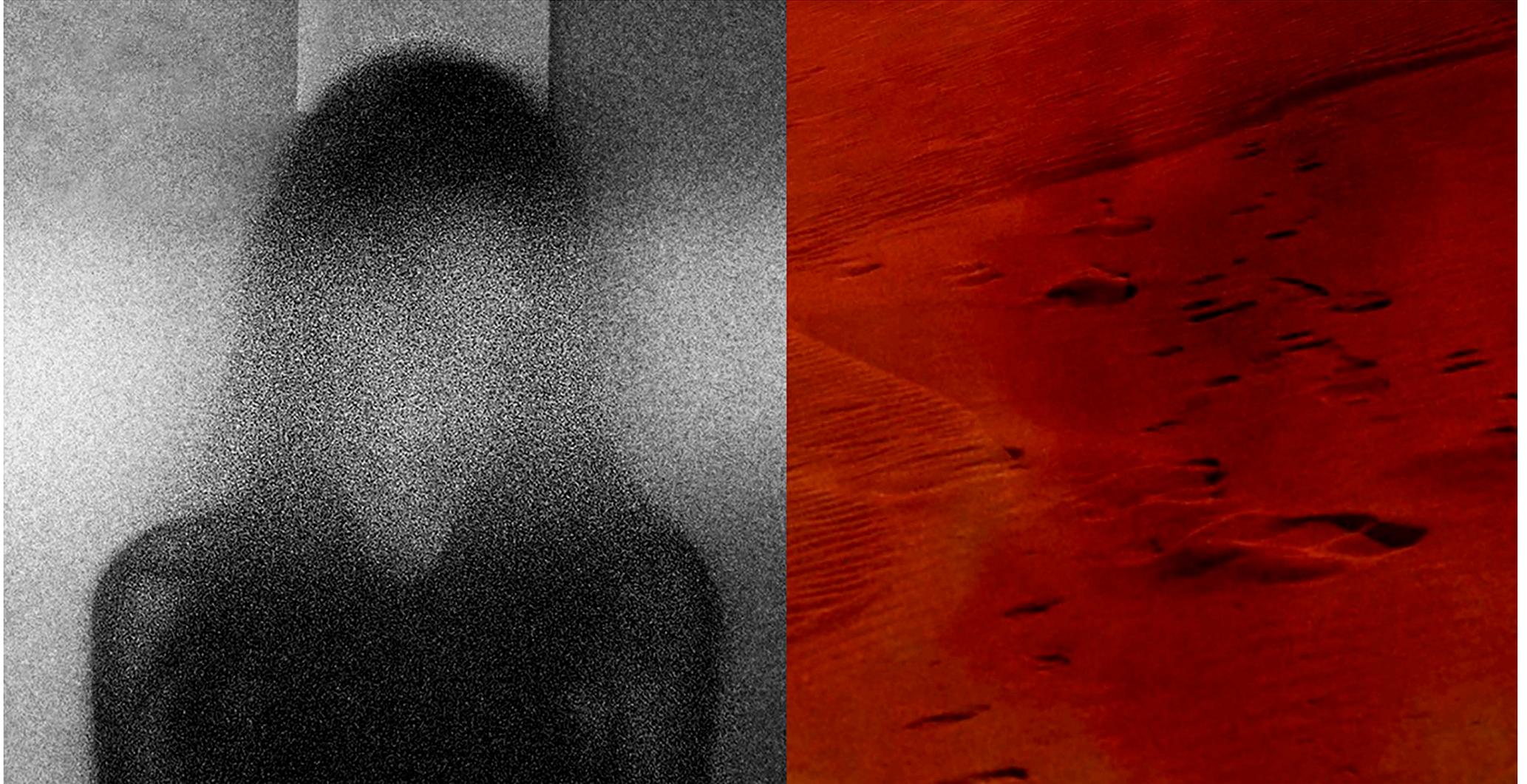
TÍTULO	<i>TITLE</i>	Metrópolis
ANO	<i>YEAR</i>	2018
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Baryta Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	110 x 110 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. / 1 P.I. + 2/5
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 3.000



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Metrópolis
ANO	<i>YEAR</i>	2018
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Baryta Satin 300 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	110 x 110 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. / 1 P.I. + 2/5
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 3.000



TÍTULO	<i>TITTLE</i>	Contenção
ANO	<i>YEAR</i>	2018
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Metallic 340 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 75 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A / 2 P.1. + 1/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 1.500



TÍTULO *TITLE* Singular

ANO *YEAR* 2019

TÉCNICA *TECHNIQUE* Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Satin 310 gsm

DIMENSÕES *DIMENSIONS* 100 x 50 cm

TIRAGEM *EDITION* 1 P.A. + 1/3

VALOR *PRICE* U\$D 1.500





TÍTULO *TITLE*

Exílio

ANO *YEAR*

2019

TÉCNICA *TECHNIQUE*

Negativos de vidro séc XX - Back Lights

DIMENSÕES *DIMENSIONS*

21 x 15 cm



seja marginal
seja herói

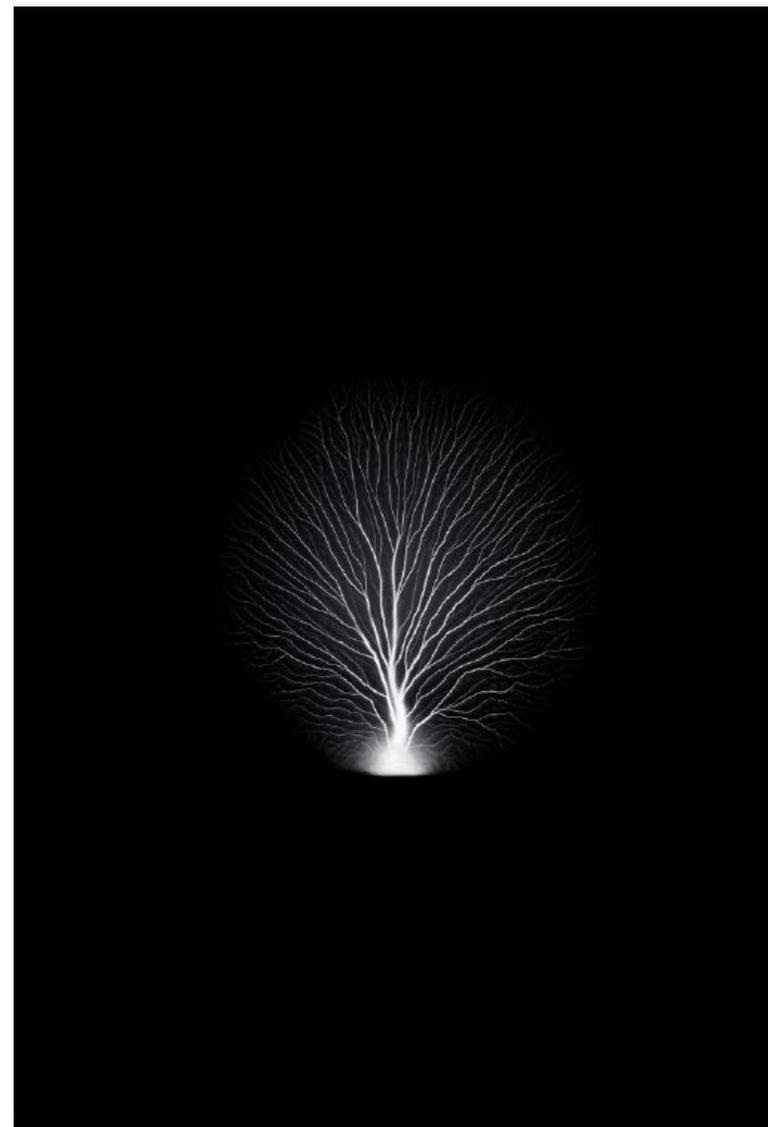
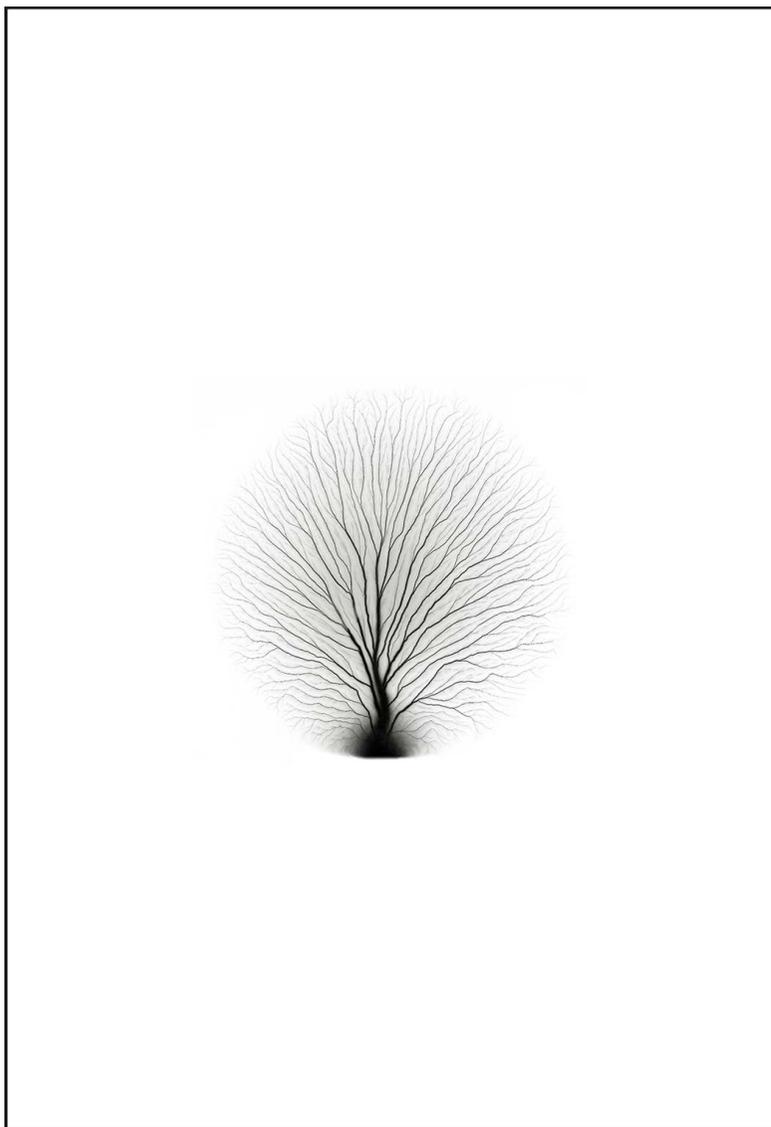


seja marginal
seja herói

TÍTULO	<i>TITTLE</i>	Escolha o seu
ANO	<i>YEAR</i>	2020
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Impressão em azulejo / Print on ceramic
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	20 x 20 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	2 P.A / 2 P.1. + 1/100 (Cada / Each One)
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 100



TÍTULO	<i>TITTLE</i>	Rumo ao nada
ANO	<i>YEAR</i>	2020
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta sobre papel Hahnemühle PhotoRag Baryta 315 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	110 x 75 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 1/5
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 2.000



TÍTULO *TITLE* Nanquim #1

ANO *YEAR* 2021

TÉCNICA *TECHNIQUE* Jato de tinta sobre papel de fibra de arroz artesanal 350 gsm

DIMENSÕES *DIMENSIONS* 70 x 50 cm

TIRAGEM *EDITION* 2 P.A. + 1/5

VALOR *PRICE* U\$D 1.500

TÍTULO *TITLE* Nanquim #2

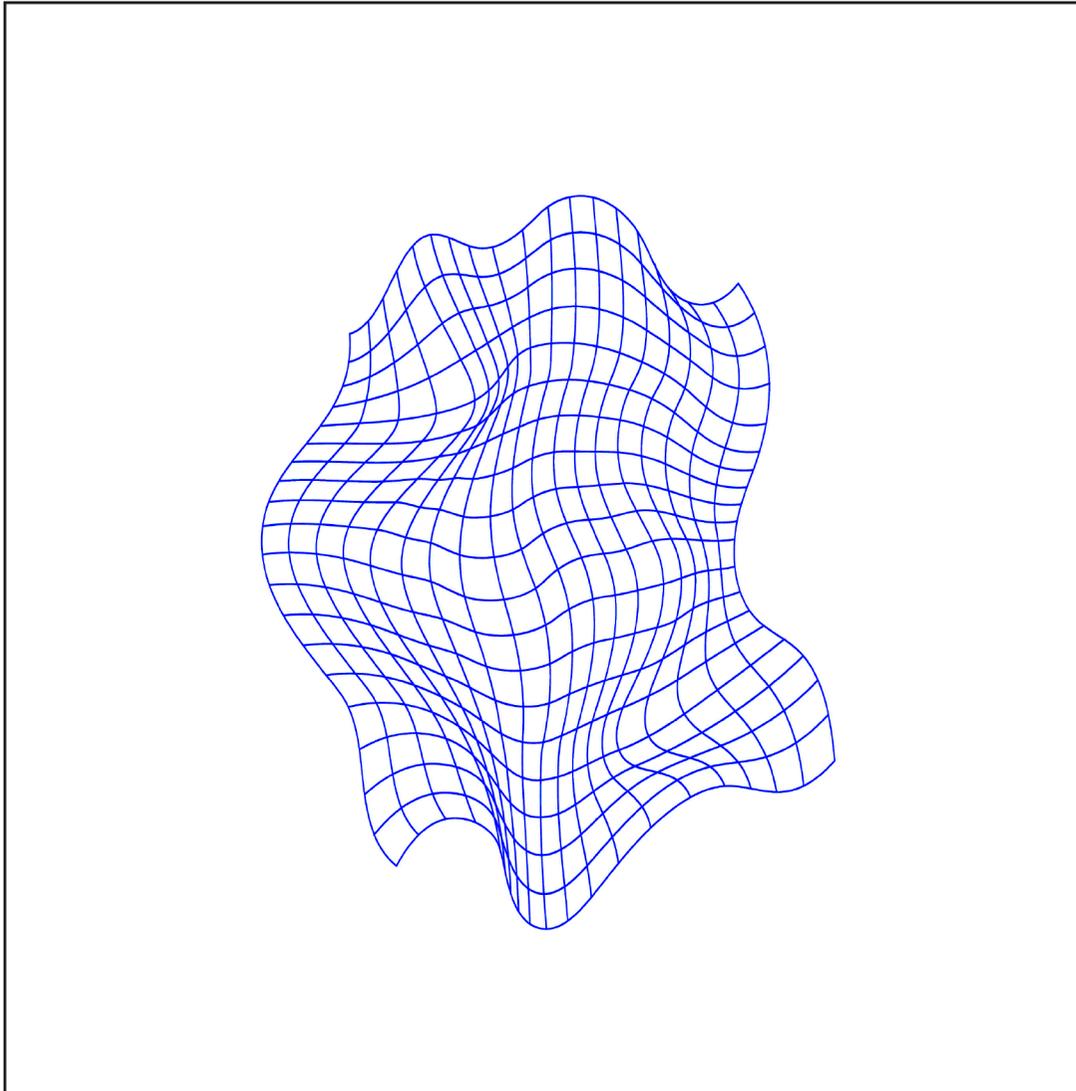
ANO *YEAR* 2021

TÉCNICA *TECHNIQUE* Jato de tinta sobre papel de fibra de arroz artesanal 350 gsm

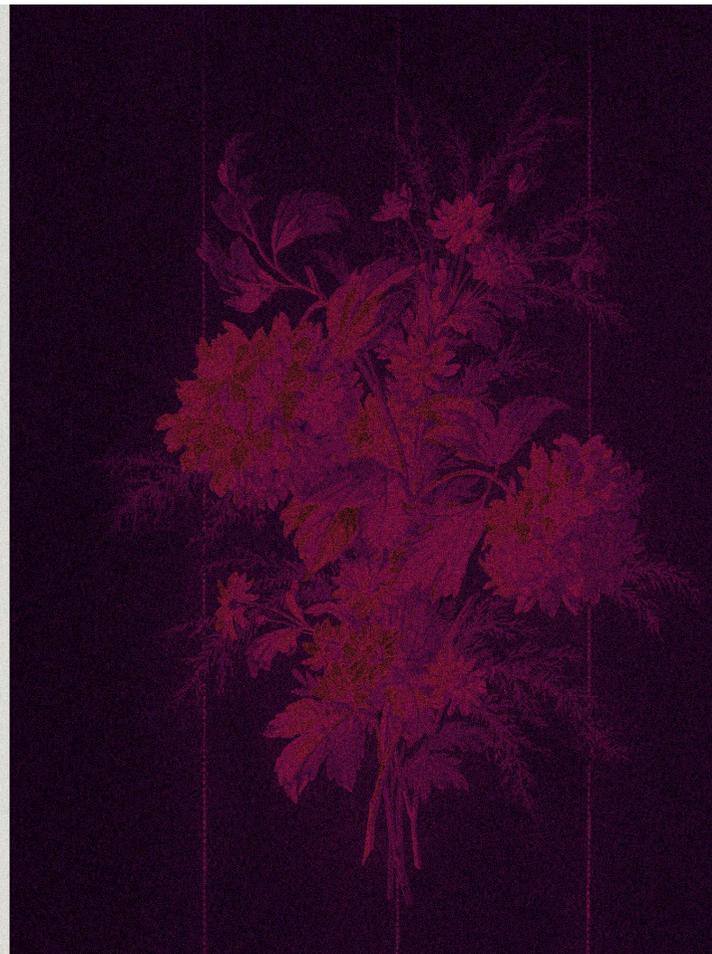
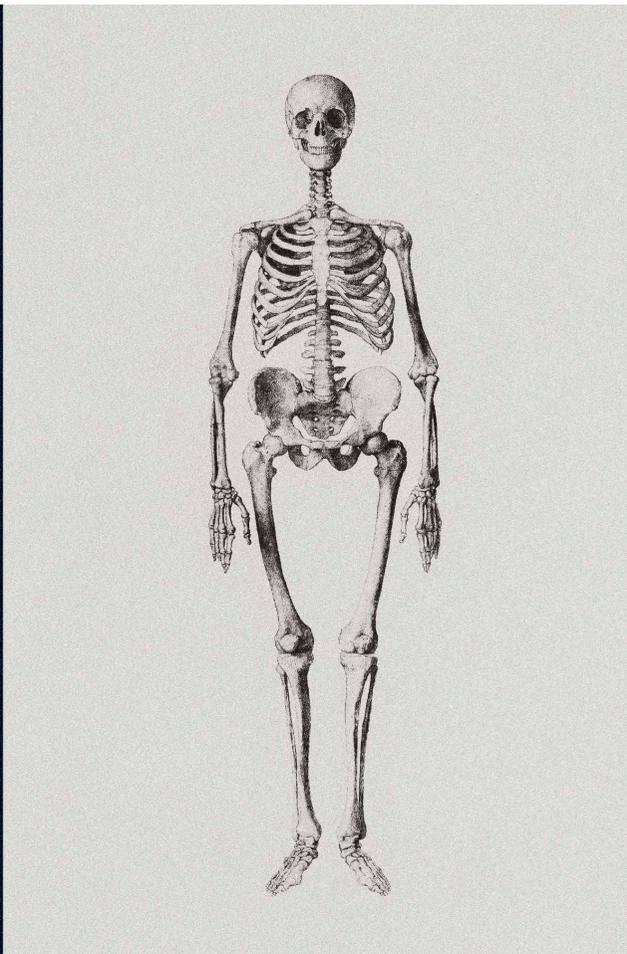
DIMENSÕES *DIMENSIONS* 70 x 50 cm

TIRAGEM *EDITION* 2 P.A. + 1/5

VALOR *PRICE* U\$D 1.500



TÍTULO	<i>TITTLE</i>	Formas Históricas #1
ANO	<i>YEAR</i>	2023
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Jato de tinta Hahnemühle William Turner 310 gsm
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 100 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 1/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 2.000



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Firmamento
ANO	<i>YEAR</i>	2023
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Foto Montagem
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	180 x 100 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 1/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 1.000



TÍTULO	<i>TITLE</i>	Sem Título
ANO	<i>YEAR</i>	2024
TÉCNICA	<i>TECHNIQUE</i>	Metacrilato
DIMENSÕES	<i>DIMENSIONS</i>	100 x 100 cm
TIRAGEM	<i>EDITION</i>	1 P.A. + 1/3
VALOR	<i>PRICE</i>	U\$D 3.000



TÍTULO *TITLE* Sem Título

ANO *YEAR* 2024

TÉCNICA *TECHNIQUE* Jato de tinta sobre papel de fibra de arroz artesanal 350 gsm

DIMENSÕES *DIMENSIONS* 70 x 50 cm

TIRAGEM *EDITION* 2 P.A. + 1/5

VALOR *PRICE* U\$D 1.500

MARCELO CARRERA MAIA

São Paulo, 1969 - Artista, pesquisador e impressor fine art
contato

[E-mail](#) [Instagram](#)

Marcelo Carrera Maia, nasceu em São Paulo. Atualmente vive e trabalha no Rio de Janeiro. É artista, pesquisador da imagem, mestrando em Arte e Cultura Contemporânea pelo PPGArtes UERJ e impressor fine art.

Em seu trabalho, Marcelo utiliza o suporte da fotografia para buscar as amplas ocorrências errantes da imagem. Suas fotografias são como indícios de processos, em alguns casos, segundo o artista, indesejados. O erro e as operações errantes que o próprio suporte e as imagens oferecem em sua manipulação e revelar funcionam, aqui, como métodos de produção que refazem o curso da vida cotidiana, algumas vezes banal, mas sempre necessária; a vida, sobretudo, é sempre a questão.

Seu olhar atento às expressões enigmáticas do corpo, do tempo, do gesto e da natureza, desafia as taxinomias que enquadram (para usar um termo apropriado) e determinam as produções em arte na especificidade de seus suportes. Entretanto, o artista expande a dimensão visual de seu trabalho perfazendo, inclusive, aparições quase esculturóricas, ou abriga reflexões caras ao debate da pintura como o *trompe l'oeil*, a ilusão e as metáforas temporais imbuídas no próprio processo fotográfico.

